ESTANTE

Junot Silveira

CANTIGAS DE FREI INSONE

CANTIGAS DE FREI INSONE é o livro de poemas de Maia d'Ataíde (padre Belchior Maia d'Ataíde), com que a editora GRD pretende brindar o público brasileiro dentro de pouco tempo.

O livro, já no prelo, está sendo esperado com viva ansiedade, posto que o seu autor é considerado, com justiça, um dos maiores vates da contemporânea poesia religiosa brasileira. Há poucos dias, participando de um concurso ao lado de centenas e centenas de poetas, uma quadra de Maia d'Athayde foi colocada em sétimo lugar.

O poema que abaixo publicamos é um dos que integram o livro CANTIGAS DE FREI INSONE.

SALMOS SEM DAVI

Sementes
que um Servo do Senhor
chamado Merton
atirou nos alfobres ressequidos
que o poeta cavara em noite insone,
quando o visitou piedoso e sábio.

SALMO 2

Se eu amar o Amor,
na terra da minha alma
desprender-se-á
o canto franciscano
ó sol que me aqueces,
nos dias de estio,
semeia o Amor.
Ó chuva torrente
de vida e frescura,
semeia o Amor.
Gelado e docente,
bendigo a invernia
que planta o Amor.
E os ventos leves dos rios
e as brisas leves dos bosques
semeiam o Amor.
Os trabalhadores repousam.
Os animais se imobilizam.
E surge, à beira do trigal eflavescente,
o moço que encheu o balde de água
na transparência azul da fonte casta.
E a sombra enternecedora do sicômoro,
afagando-me a cabeça fatigada,
semeia o Amor.
E os cantos das águas
e os murmúrios das aves
e os decretos eternos,
por sobre os tumultos
das grandes cidades
— SEMENTES DO AMOR —
(Lodato sia il mio Creatore
con tutte le sue creature)

A Pindorama recebeu, dentre outros livros de bôlso, das Edições de Ouro, "Poesia dos Estados Unidos", organização e prólogo de Osvaldino Marques

Ao norte de Roma

Este é o primeiro de uma série de brilhantes romances de Helen MacInnes que a Bestseller coloca ao alcance do público brasileiro. De origem inglêsa, radicada há mais de vinte anos nos Estados Unidos, onde encetou sua carreira literária, Helen MacInnes tem uma capacidade tôda especial de trazer para o grande público o mundo sombrio, inquietante e cheio de intrigas, da espionagem, *numa linguagem moderna, onde o leitor não encontrará o artificial.* Isso valeu à autora, merecidamente, ser considerada "um Ian Fleming adulto". Uma ótima capacidade de ambientação, uma boa caracterização dos personagens que passam por suas páginas, fazem de Helen MacInnes uma das autoras de maior sucesso na atualidade.

AO NORTE DE ROMA desenvolve uma história de nossos dias, com toques de mistério, romance, e, sobretudo, suspense. De uma situação aparentemente banal emerge um conflito que envolve rápidamente várias pessoas, conduzindo-as a situações imprevistas — inclusive para o leitor. Quem não acreditar que comece logo a leitura — e duvidamos que a possa abandonar. Pois o talento de Helen MacInnes não está pròpriamente em criar situações inteiramente novas, e sim na utilização renovada e versátil das situações que a ficção copia da vida, dando-lhe nôvo sabor.

Não duvidamos do êxito que o livro ora posto à venda alcançará. É uma obra destinada a um público certo — o que aprecia obras adultas, bem escritas, extraídas da realidade internacional de nossos dias, num de seus aspectos mais palpitantes: a espionagem.

A tradução é de Aydano Arruda, um dos mais competentes tradutores com que contam atualmente as editôras brasileiras, e a capa, bastante original e sugestiva, já é um chamariz.

Três reedições da Cia. Editora Nacional

Embora sabidamente detentora da hegemonia no campo da produção de livros didáticos, a Cia. Editora Nacional não descuida do lançamento de livros de real interêsse, em outros setores, ainda que êstes representem, quantitativamente, a porção menor de sua produção. Assim, ao lado de vários lançamentos e reedições que têm sido noticiadas, chega-nos a notícia de três relançamentos dos últimos dias, daquela editora.

Vamos a êles:

REBECCA, de Daphne du Maurier, em sua décima edição. Ao tempo de seu lançamento *êste foi o maior êxito editorial no Brasil.* Sucessivas edições ocuparam por pouco tempo as prateleiras das livrarias, tal a rapidez com que foram absorvidas pelo público. O correr dos anos não arrefeceu de muito êste interêsse, que, diga, se de passagem, é justo, tal a habilidade posta pela autora no desenrolar da trama. Romance que interessa ao público masculino e feminino, REBECCA deve ser lido pelos leitores mais jovens, também, que agora começam a ler a autora, em outros livros recém-publicados.

COMO FAZER AMIGOS E INFLUENCIAR PESSOAS, de Dale Carnegie, em sua 24a. edição. Com isto, o famoso livro totaliza 207 mil exemplares em 27 anos, o que é uma soma que dispensa comentários. E os numerosos livros parecidos, publicados todos os anos, não conseguem diminuir os invejáveis índices de vendagem do livro de Dale Carnegie.

COMO EVITAR PREOCUPAÇÕES E COMEÇAR A VIVER, também de Dale Carnegie, que atinge 200 mil exemplares, em 17 anos. A filosofia prática do Carnegie, amplamente difundida em seus cursos (que até hoje têm prosseguimento), está bem expressa e sintetizada *em seus dois livros. E muito bem ilustrada, com casos que* se gravam fundo na mente dos leitores, estimulando-os a novas atitudes de vida, a nova coragem no áspero dia a dia de nossos tempos.

Sonho Americano em filme

Numa versão cinematográfica da Companhia Warner Bros, acaba de ser filmado o romance de Norman Mailer — UM SONHO AMERICANO traduzido para o Brasil pela Civilização Brasileira.

O filme é em technicolor, contando com Stuart Whitman, Janet Leigh, Barry Sullivan e Eleanor Parker como artistas principais, sob a direção de Robert Gist.

UM SONHO AMERICANO é uma história pungente em que o *personagem principal, um veterano de guerra,* retorna à vida cotidiana dominado por um desvario erótico, se entregando a violentas aventuras que o levam ao desajustamento matrimonial e ao crime.

Norman Mailer, tudeu nascido em Nova Iorque, é um dos mais discutidos escritores norte-americanos. Recentemente publicou o livro CARTA ABERTAS AO PRESIDENTE, também editado pela Civilização Brasileira.

História da imprensa no Brasil

Mais um livro do General Nélson Warneck Sodré vai ser lançado pela Civilização Brasileira. Trata-se da HISTORIA DA IMPRENSA NO BRASIL — uma exposição e análise críticas da evolução da imprensa em nosso País, desde as suas primeiras manifestações até os problemas que apresenta na atualidade, examinando, inclusive, a interferência *estrangeira em nossos meios de divulgação.*

Trata-se na verdade, de um estudo sério, com método objetivo e informação fartamente documentada, aliás característica essas de todos os seus trabalhos.

Louvação a Santo Amaro

De "Louvação a Santo Amaro", de autoria de Jorge de Faria Gôes e a ser lançado aos 16 do próximo mês, às 20h30m no Gabinete Português de Leitura — livro de poemas que vem de alcançar comentários muito lisongeiros inclusive de Jorge Amado e Camilo de Jesus Lima — publicamos um de suas poesias, como exemplo do que é a nova contribuição literária do nosso vate.

VILANELA DAS RUAS ANTIGAS

Ruas antigas... (a gente
em versos melhor tradúz
tudo o que sonha e o que sente).

Um pensamento frequente
a considerar me induz
tudo aqui que está presente

O passado se pressente
que ao presente se conduz
e o anula frequentemente.

Fundindo-se com o ausente,
o presente se reduz
em saudade, unicamente.

E neste sonho dolente
todo o meu coração sus
nestes versos, docemente

Por estas ruas somente
da saudade velo e luz
acender, tremulamente.

E por todo êste ambiente
sonhos derramam-se à fluz,
na encantadora torrente

da tradição mais ardente,
que na Poesia transluz.
Passado — loira semente
que em sonho se reproduz.

Presença do romanceiro

Uma importante coletânea de romances tradicionais recolhidos no Brasil vai ser entregue ao público nos próximos dias pela Civilização Brasileira. Trata-se da obra de Antônio Lopes — PRESENÇA DO ROMANCEIRO.

PRESENÇA DO ROMANCEIRO reune 71 versões de 33 romances pertencentes à área do Maranhão.

Pelo material coletado por Antônio Lopes e seus colaboradores podemos imaginar a riqueza do romanceiro tradicional em nosso País e principalmente avaliar o que vem sendo *perdido* pela falta de uma pesquisa ampla que abranja todos os estados.

O caminho de trombas

O livro de José Godoy Garcia — O CAMINHO DE TROMBAS — vai ser publicado pela Civilização Brasileira.

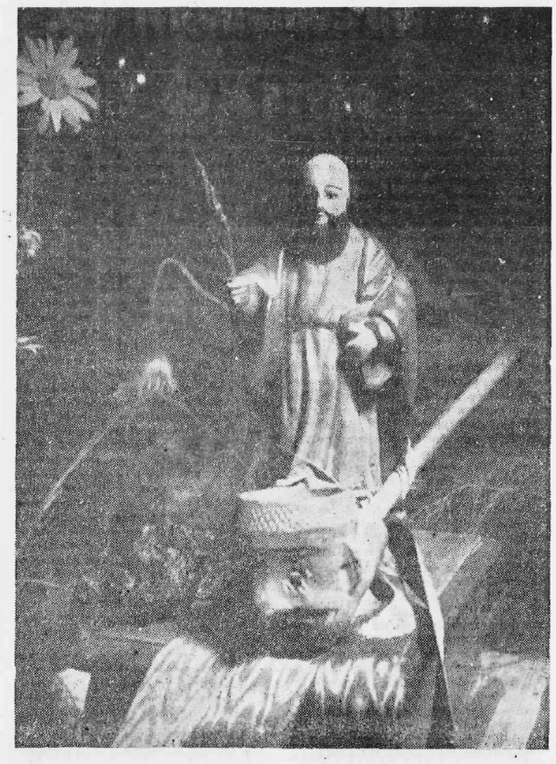
O CAMINHO DE TROMBAS é um romance forte que narra as lutas dos pequenos agricultores pela sobrevivência e pela conquista de seus mínimos direitos na produção. *José Godoy* Garcia revela nesse romance uma visão nova, viril e violenta das gentes e das terras de Goiás.

O mundo como vontade e Representação

A análise pessimista das condições da vida constitui a parte mais vulgarizada da filosofia de Schopenhauer. Justamente a que está desenvolvida, de maneira especial, em *O Mundo como Vontade e Representação*, obra agora publicada entre nós, pelas Edições de Ouro, em tradução de Heraldo Barbuy. Ao público não especializado a leitura dessa obra interessa sobretudo por suas ligações com importantes correntes do pensamento contemporâneo, como é o caso do existencialismo de Kierkegaard ou da psicanálise de Freud. O volume, que traz prefácio do tradutor e introdução de Afrânio Coutinho, foi incorporado à coleção "Clássicos de Bólso Alemães".

São Nicodemos do Cais do Carvão

Antônio Monteiro



Devemos fôra de dúvida, tudo quanto possuímos de belo e grandioso nesta terra da "promissão" — que é a Bahia — repleta de lendas e encantos, que encanta e atrai o forasteiro mais empedernido, ao negro, ao mestiço e por fim, ao português, numa profusa miscigenação, formando a arte e a história do povo.

De seus costumes e tradições, tantos têm dito, divulgando-a, ora através da poesia, da pintura, da escultura religiosa e mítica, do jornalismo, ora da música mesmo dum Dorival Caimi. Falam e cantam, todos exaltando a "terra mãe". Bem assim é o povo, que na sua manifestação grandiosa dos seus variados tipos de folguedos estravasa o sentimento artístico de que é possuído, proporcionando, destarte, motivos que contribuem para embelezar ainda mais a vida da terra, tornando-a mais popularizada, atrativa e mais hospitaleira.

Já se disse, que muitas das tradições baianas estão em fase crescente de desaparecimento, e que o seu folclore vai escassseando ou mesmo, "não possui o brilho de outrora". Há, em verdade, algo transformando o aspecto tradicional da "Boa Terra" pelo curso natural do progresso — e o acelerammento da vida, todavia, na alma do povo, jamais desaparecerá o sentimento de balanidade folclórica. O povo, em si, é por *índole* e por espírito religioso um devoto constante dos costumes e continuador fervoroso das tradições, mesmo combalido pelos rigores da vida ou pela falta de outros recursos, há sempre no baiano, o recurso da tradição que consola o coração e ameniza o espírito.

Ao baiano que vibra pela terra e chora sua saudade, pouco importa o "arranha-céu", quando temos os velhos casarões seculares, imponentes, a nos mostrar história, sem deixarmos de admirar as belezas arquitetônicas dos magníficos edifícios de aço e vidro que surgem, dando nova roupagem à Cidade; entretanto, jornais, olvidaremos êsse belíssimo cromo do começo do século XIX que é o sombrio palácio da nossa Associação Comercial, e tantos outros patrimônios, legados pela raça lusa.

Aqui, a evolução e a tradição se encontram e se entrelaçam numa perfeita harmonia. Se não concebermos a Bahia sem o seu "II" também, não admitiremos o progresso em detrimento de nosso relicário histórico-tradicional. E assim, a tradição caminha, mesmo estiolada, deixando-nos traços e aspecto para a sua cultuação.

Para ratificar o que acima expomos à guisa de preâmbulo, narraremos, então, nesta cronqueta, a origem de sua devoção religiosa, vinda da alma do povo, hoje, conhecida como São Nicodemos, Padroeiro dos Trabalhadores do Cais do Carvão que, embora não sendo uma tradição na definição exata do tradicional, tem no bôjo os reflexos da motivação popular.

O folclorista sente tudo isso, cabe-lhe, então, o cuidado de examinar, observando as *suas características, difundindo-as para* conhecimento das gerações que se sucedem. Muitos dêsses fatos foram narrados por vários estudiosos, alguns porém, passaram despercebidos; de duas, uma: não se sentiram interessados pelo assunto, ou o assunto não os sensibilizou.

Nós, entretanto, faremos, não com a pretensão ou a intenção de querer dar mostra de conhecimento, há de nossa parte, um interêsse que é o de esmiuçar o quanto possível, tudo que a Bahia possa apresentar, através das manifestações populares, confirmando assim a sentença de que a Bahia "tem coisas que outra terra não tem". Descrevêmo-la.

Lá, pelas bandas do cais da lendária Cidade do Salvador, entre os últimos armazéns das docas, local que em épocas ainda não *remotas*, era tido como abrigo de infelizes vagabundos conhecidos pela alcunha de "capitães de Areia", figuras dramáticas do escritor Jorge Amado. Aí, entre um amontoado de carvão de pe' deparou-se-nos um grupo de trabalhadores do cais; eram doqueiros, estivadores e carregadores do pôrto. Foi numa sombria tarde de outubro de 1946 que descobrimos essa brincadeira. Entre todos, havia um, mais idoso, que se destacava pelo seu porte, fisionomia bastante acentuada. Era êsse homem, espécie, assim, de um conselheiro. A êle, hoje de saudosa memória, devemos pràticamente a origem dessa devoção religiosa do cais do carvão.

Predominava, lá, a cachaça, uma nuvem de poeira subia ante o movimento do samba, enquanto o suor descia, rosto abaixo; o bater de palmas, o zunir dos pandeiros e o *estrepitar da faca sôbre a beira de pratos,* dava ritmo ao samba fervente e alucinante, propendendo ao som das violas e o ronco lúbrico da cuica, ho deslisar dos dedos, na tarde daquele dia! Entre a fuzarcaria do samba, houve uma pausa, quando surgiu a idéia de se realizar, ali mesmo, uma sociedade que tomou o nome de sociedade do cachimbo. O seu idealizador anunciara logo, que todos os presentes eram considerados sócios fundadores, por obrigação, sob pena de incorrerem numa multa de cerveja. Originou-se, assim, o nome da sociedade, quando todos rodopiando em tôrno de um bolo de barro em forma exótica de uma disforme figura que a transformaram num cachimbo, simbolizado no cachimbo "inglês", ora usado pelo seu idealizador. A sociedade formada dêste motivo, apesar de curta duração teve *seu reglmento à base de exigências curiosas:* obrigava o comparecimento às reuniões, que cada sócio levasse um cachimbo de barro, cuja falta implicaria (numa multa de $1.00 (um cruzeiro) e suas contribuições eram estipuladas em 0,40 (quarenta centavos) por semana. As ditas reuniões, algumas vêzes, eram realizadas no cais do carvão, no barraco de um sócio, vendedor de aperitivos alcunhado de "Jacaré"; outras, se davam na tenda do ferreiro Glicério, na Roa do Julião e até mesmo no cais, num "ponto" onde, nas horas vagas, "batiam" o jôgo de Dominó, tão conhecido e comum entre as classes proletárias.

De outubro a dezembro do mesmo ano, a "sociedade do cachimbo" constituiu ancmas, num motivo de fuzarca, vivendo num agrupamento de "festeiros", inspirados na "pinga", *que a dominava.*

Em janeiro, do ano seguinte, dia de Ano Nôvo, os mesmos associados se cotizaram e, de vêspera, improvisaram um carramanchão a beira do cais, engalanaram com bandeirinhas de papel de sêda, ocasião em que, aguardaram, aí, a passagem da procissão marítima do Senhor dos Navegantes, quando prèviamente já haviam combinado que a galeota fizesse ancorar alguns minutos ali, a fim de receber as homenagens dos trabalhadores do pôrto, os quais estavam inclusos os da referida Sociedade. Nessa ocasião, o presidente fêz entrega de um ramalhete de flôres.

Durante o dia, a festa do Ano Nôvo teve curso, comemorada à base de feijoada baiana, regada a vinho "Vencedor" e a brasileiríssima "Môça Branca" do ilustre folclorista, *Prof. José Calasans.*

Após o almôço, determinado, ficou que em todo o dia de Ano Nôvo fôsse celebrada a "festa do cachimbo", para a qual, elegeram o seu primeiro presidente, o ferreiro Glicério.

Na primeira reunião, que se deu a 22 de janeiro de 1947, vários debates houve em tôrno de sua organização, bem assim, a data exata para a celebração da festa, enquanto uns opinavam pela data já estabelecida de Ano Nôvo, outros, entretanto, não aceitavam, surgindo destarte, divergências graduativas, resultando daí a divisão de companheiros, com o afastamento do grupo maior, que, acompanharam o ferreiro, o qual transferiu o dia da festa do cachimbo para o dia 27 de setembro, consagrado, como sabemos a São Cosme e São Damião, a cuja festa foi celebrada com as mesmas iguarias próprias *do dia. Os grupos,* ficaram então conhecidos, como do cachimbo e o outro do cabo do cachimbo, destacando-se, todavia, a predominância maior, o do cachimbo que contava com a maioria sob a direção do ferreiro presidente. Celebrada, assim a festa naquele dia de São Cosme, houve após o almôço, samba e diversões. Por outro lado, o espírito da idéia da figura disforme do bolo de barro perdurou entre êles, que tão logo, não tardaram, trouxeram um bolo de barro numa tábua, o qual foi recebido entre gritos e palmas como se fôsse algo simbólico — ou o era —; entrementes, puseram-no-o no chão, junto a diversos copos e garrafas, continuando assim, a festa com sambas que se arrojavam cada vez mais. De quando em vez pararam, beliam e gritavam numa alegria profusa, pulando, e aplicando nomes exóticos, prestando até mesmo reverência ao bolo de argila, em gestos cabalísticos, que já naquele instante, para êles, representava um idolo, mas, vale ressaltar, tudo a base de brincadeira.

O idealizador da brincadeira, um velho circumspecto, portando relógio com cadeia de ouro, cachimbo "inglês", que, apesar de não beber, jamais transformava o seu estilo, aparentemente de homem austero. Mais a brincadeira, dado momento, deu com a mão, *em posição alta, obrigando a todos cessarem* o samba; aí, êle, de súbito, dá um pulo e, em gestos exclamativos, grita bem alto: NICODEMOS! ... ouvindo-se em seguida, vivas e palmas, em homenagem ao nome aplicado a figura do bolo de barro, que tinha a mesma significação aos nomes exóticos, que os outros também, exclamavam antes, por graciejos.

A faceta mais importante dessa história que estamos narrando, por mais incrível que pareça, e, até mesmo inacreditável, é a de que Cirilo Manuel dos Reis, o personagem do cachimbo, apareceu alguns dias mais tarde, a contar aos seus companheiros das docas, e muito impressionado, haver sonhado com um velho de barbas alongadas e de bengala, pedindo-lhe que não fizesse uso de seu nome para graciejos. Insinuado pelos companheiros *e ainda mais sugestionado pelo fato do* sonho, foi Cirilo, ter com um "santeiro", (encarnador de imagens) bem próximo à tenda do ferreiro, indagando-lhe se conhecia algum santo com o nome de Nicodemos; para surpêsa dêle, o "santeiro" possuia um catálogo antigo e apropriado, que servia para tais casos de encomenda de imagens e copiá-los, quando necessário. Dada a encomenda, foi a imagem de Nicodemos confeccionada à semelhança do sonho do velho Cirilo (hoje conhecido, por Cirilo de Nicodemos). Quando pronta, o "santeiro" Vicente, autor da obra, conduziu-a à tenda do ferreiro ao Caminho Nôvo, que tem acesso à Rua do Julião, aí, nesse "harlem" baiano, o Santo é recebido em festas com alguns espoucar de foguetes e num improvisado replicado de "agogô", despertando a atenção do movimento *local* onde se reúnem estivadores, doqueiros, marítimos, trapichenos e há várias sedes de Sindicatos do mesmo gênero. Como não é de estranhar, o movimento foi aumentando ante a curiosidade do povo que ali transitava, transformando o movimento numa festa comemorativa a chegada da imagem, que ficara sob a guarda do dito ferreiro. A tenda do ferreiro Glicério, que sempre foi dentro duma ruína de um velho sobrado ali existente, abrigou por muito tempo a imagem de São Nicodemos e muitas pessoas para lá acorriam em romaria, deixando seus óbulos. De belo e gracioso na ruína, que servia de tenda do ferreiro, era o criatório livre de pombos que lá existia e quando em revoada dava aspecto singular ao ambiente contrastando com a ruína do velho sobrado. Foi justamente belíssimo o espetáculo ocorrido com a chegada do santo, quando do espoucar dos foguetes, os pombos, para mais de uma centena, saíram em revoada, dando beleza ao momento, tão apropriado para aquêle ato festivo.

Naquela ocasião, o ferreiro foi logo escolhido patrocinador da festa que em breve havia de se celebrar em louvor ao santo. Antes, porém, tratou-se de dissolver a falada "Sociedade do Cachimbo", prevalecendo, daí, uma outra com finalidade mais séria, que tomou o nome de "SOCIEDADE DE SÃO NICODEMOS, PADROEIRO DOS TRABALHADORES DO CAIS DO CARVÃO".

Na sua primeira reunião, foi organizada uma comissão para investigar e trazer com exatidão e data consagrada ao santo pela Igreja católica.

Procurado um sacerdote, êsse revelou a existência do santo, do qual fêz uma pequena descrição de sua vida e o seu dia, constante no livro da "Vida dos Santos", como sendo 3 de agôsto, embora os trabalhadores do cais comemorem no último domingo de novembro, sem justa causa.

Em tudo isso, o que mais causou admiração entre os seus cultuadores, foi a revelação explicativa do sacerdote que, mais ou menos disse: — "*tais inspirações acontecem* quando não há devoção pròpriamente firmada para determinado santo" —; admitia êle, que os doqueiros tivessem sido inspirada por Nicodemos, aquêle que "fugia da Sinagoga para estar com Jesus pela noite, levando quantidade de arraiés dum composto de mirra e aloés", conforme nos fala a Bíblia Sagrada.

Não será de mais, como ilustração, à guisa de melhor se tornar conhecido pelos seus devotos e cultuadores, transcrever aqui, alguns detalhes da vida do Santo, que, hoje, na Bahia é o padroeiro dos Trabalhadores do Cais do Carvão, e é o único Estado do Brasil em que se celebra festa em sua glória.

Havia um homem entre os fariseus (João, cap. III, vers. I a XIII), chamava-se Nicodemos, príncipe dos Judeus. Este, um dia foi ter de noite com Jesus e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus, *porque ninguem pode fazer êstes sinais que* tu fazes, se Deus não fôr contigo. Jesus respondeu, e disse-lhe: na verdade, na verdade te digo que aquêle que não nascer de nôvo, não pode ver o reino de Deus Pai. Disse-lhe então Nicodemos: "como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?" Jesus respondeu: "na verdade, na verdade, te digo que aquêle que não nascer da água e do espírito não pode entrar no reino de Deus; o que é nascido da carne é carne, o que é nascido do espírito é espírito. Não te maravilhas de te ter dito: necessário vos é nascer de nôvo. O vento assopra onde quer e ouves a sua voz; porém não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquêle nascido no espírito". Nicodemos respondeu e disse-lhe: como se pode fazer isto? Jesus *respondeu e disse-lhe: Tu és mestre de Israel* e não sabes isto? Na verdade, na verdade, te digo que dizemos que sabemos e testificamos o que vimos, e não aceitas o nosso testemunho.

Também, em narrativa do livro a "Vida dos Santos" referente ao Evangelho da Paixão, encontramos Nicodemos em defesa de Jesús contra os fariseus. Assistiu ainda, ao seu entêrro, embalsamou o seu corpo com ricos aromas, razão porque foi excomungado e expulso da Sinagoga, retirando-se com Gabriel para sua casa de campo onde morreu (como testificam Santo Agostinho e Fócio acêrca das Atas da Invenção das relíquias de Santos Estêvão.

Outro motivo interessante que merece destaque, pela sua originalidade, foi o dia do benzimento da imagem, considerado para êles, como um batizado. Levado numa caixa de papelão ornamentada, num domingo de outubro para a Igreja dos Mares, onde foi benta pelo sacerdote, após a missa ali rezada. Simbòlicamente, serviu de "madrinha" uma mulata de nome Maria Andresa dos Santos (Cotinha), vendedora de comida nas Docas, ela, na ocasião, portava uma belíssima toalha de linho branca, com artístico bordado à mão, confeccionada de moda particular para aquêle ato, ela, por alguns anos, serviu de cozinheira oficial da festa de São Nicodemos.

Tornando vulto mais sério a festa em louvor ao santo, os antigos fuzarqueiros do cachimbo resolveram estabelecer o programa para a sua primeira celebração festiva, tendo início com uma missa cantada na Igreja Matriz do Pilar, como acontece todos os anos, sob a responsabilidade dos estivadores, doqueiros, carregadores, empregados do Cais do Carvão, trapicheiros, condutores de carga e descarga do Pôrto. Após a missa a imagem é conduzida processionalmente acompanhada de banda de música, seguindo após êste ato, a entrega solene da fita de São Nicodemos que é colocada no pescoço do escolhido para presidir as festividades do ano *vindouro e o cachimbo simbólico, que fica* aos pés da imagem, e ainda uma pequena parte de carvão de pedra.

Instituíram, ainda, a segunda feira do cachimbo, certamente, uma paródia à do Bonfim, a qual é comemorada com bebidas, iguarias, de azeite de dendê diversões outras apropriadas para crianças como "quebra-pote", "pau de sêbo", "corridas de saco" e de "óvo na colher", etc.

Intercalaram também, a obrigação de se incorporarem à festa marítima do Senhor dos Navegantes, ocasião em que fazem oferta de uma corbelha de flôres, em nome da devoção de São Nicodemos, na hora em que a galeota ancora no cais das Docas, em frente a um altar ali improvisado de véspera para tal fim.

Finalmente, a devoção de São Nicodemos, *de menor densidade do que outras, considera-se como a que abre o ciclo das festas,* porque em sequência, tem início a de Santa Bárbara do Mercado da Baixa dos Sapateiros, seguindo-se, daí em diante o curso normal do ciclo das tradicionais festas populares da Bahia.